

A POÉTICA DO MINIMALISMO

Ensaio sobre o alumbramento em Alberto Caeiro, Manuel Bandeira e Manoel de Barros

Roberto Remígio Florêncio¹

Vlader Nobre Leite²

RESUMO

O presente escrito, através da interpretação dos textos literários, buscou identificar o vínculo estético-estilístico entre os autores brasileiros Manuel Bandeira e Manoel de Barros e o português Alberto Caeiro, um dos principais heterônimos de Fernando Pessoa, ao corroborarem as ideias do minimalismo poético, em que o menos é mais e a poesia é encontrada nas pequenas coisas. A ideia central do texto é marcada pelo viés solidário do fazer poético nos três autores modernistas, em seus diferentes contextos. De pensamentos simplistas e contrários às teorias filosóficas, os três poetas encontram na natureza grandes temas para suas produções, ainda que cada um o faça à sua maneira: na Lisboa do início do século XX; no Recife da infância de Bandeira, sem mais nada; ou na essência minuciosa das coisas minúsculas em contraste com a exuberância pantaneira, na poesia de Barros.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Contexto. Poética Minimalista.

ABSTRACT

The present writing, through the interpretation of literary texts, sought to identify the aesthetic-stylistic link between the Brazilian authors Manuel Bandeira and Manoel de Barros and the Portuguese Alberto Caeiro, one of Fernando Pessoa's main heteronyms, when corroborating the ideas of poetic minimalism, where less is more and poetry is found in small things. The central idea of the text is marked by the solidary bias of doing poetry in the three modernist authors, in their different contexts. From simplistic thoughts and contrary to philosophical theories, the three poets find great themes in nature for their productions, although each one does it in their own way: in Lisbon at the beginning of the 20th century; in Recife from the childhood of Bandeira, without anything else; or in the minute essence of minuscule things in contrast to the exuberance of the Pantanal, in Barros' poetry.

Keywords: Comparative Literature. Context. Minimalist Poetics.

¹ Professor de Língua Portuguesa e Literatura do IF Sertão Pernambucano campus Petrolina; Doutorando em Educação (UFBA); Mestre em Educação e Cultura (UNEB); Graduado em Letras (UPE) e em Pedagogia (UNEB); Poeta.

² Professor de Teoria da Literatura da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina; Mestre em Letras (UFPB); Graduado em Letras (UFPB); Bacharel em Direito (IPE-PB); Compositor, poeta e palestrante.

ALUMBRAMENTO

A poética minimalista não é prerrogativa dos poetas modernistas abordados neste estudo. Nem do Modernismo, visto que encontramos, desde a arte produzida na Antiguidade, o cuidado com detalhes em detrimento de expressões mais destacadas nas pinturas, na escrita e nas artes cênicas, em geral. Bosi (1994) aponta para a própria atividade poética “o instante mínimo tornar-se indelével” (p. 44). Aqui, utilizamos os conceitos da Teoria Literária, assim como as práticas de interpretação textual, para afirmar que o Minimalismo na Literatura encontra-se alicerçado e, muito disso, se deve, no Brasil, a Manuel Bandeira e Manoel de Barros. Bandeira já dispensa as grandiosidades dos fatos ao dizer: “A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros”, em *Evocação do Recife* (BANDEIRA, In: Drummond, 1986, p. 49).

Em uma de suas canções, intitulada “Esquadros”, Adriana Calcanhoto (1992) assim escreve: “Ah, eu quero chegar antes / Pra sinalizar o estar de cada coisa / Filtrar seus graus”. Tal pensamento nos instiga, de modo poético-filosófico, a refletir, ontologicamente, acerca de nós mesmo e do estar no mundo. Isso decorre, fundamentalmente, de uma atitude inquietante em nós: a busca por um estado natural das coisas e dos seres. Ou seja, “chegar antes” para perceber o “estar de cada coisa”, e nisso sermos em plenitude. Nesse sentido, a referida canção faz-nos aproximar do mestre Alberto Caeiro (1889-1915), heterônimo de Fernando Pessoa (1888-1935), mais especialmente no poema II “O meu olhar é nítido como um girassol”, do livro “O guardador de rebanhos”:

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo... (PESSOA, 2017, p. 40)

Nesse poema, Caeiro nos ensina a olhar, como se aquilo que estamos vendo fosse visto sempre pela primeira vez, um “nascer a cada momento / para a eterna novidade do Mundo”. Assim, conseguiríamos “filtrar” “os graus” das “coisas”. Curioso, ainda, é perceber o paradoxo nos termos “eterno” e “novo”, a sugerir uma temporalidade, sem antes (passado) e sem depois (futuro), convidando-nos a uma contemplação (percepção), como nos ensina Quesado

[...] tomamos a percepção apenas no sentido de conhecimento sensório-motor do espaço externo (...) Trata-se da consciência empírica, enfim, reduzida aos dados da sensibilidade sensorial no contato imediato do sujeito com o objeto (...) através de uma presentificação (1976, p. 35).

Em síntese, para Caeiro, a realidade (“fora”) deve ser apreendida despojando-se do excesso da subjetividade (“dentro”). Por isso, afirma, no poema XXIV, de “O guardador de rebanhos” (PESSOA, 2017, p. 60):

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

Ao fazer isso, o *Mestre*³ recusa toda uma tradição poético-filosófica, sendo, portanto, revolucionário e moderno, pois nos ensina que é preciso estarmos “curados” da doença do “pensar”, nesse processo de (des)aprendizagem, para, finalmente, livres das convenções (ideológicas, políticas, sócio-históricas e culturais), (des)aprendermos. Em resumo, despir nossa “alma vestida” para “filtrar o estar de cada coisa”. Com isso, inaugurou “uma linguagem coloquial, propositadamente prosaica, que não tinha tido, até então, direito de admissão na poesia” (PESSOA, 2017, p. 20-21).

Criam-se, com isso, na poesia de Fernando Pessoa, dois polos: o sentir (Caeiro) versus o pensar (Pessoa). Em síntese, a polarização entre o objetivismo e o subjetivismo. E como *mestre* (“espelho”), até mesmo do próprio Pessoa, Caeiro fez e faz (des)aprendizes dessa poesia em

3 O Mestre aqui é utilizado no sentido de retomar o epíteto de Alberto Caeiro, enunciado pelo próprio Fernando Pessoa: o Mestre Ingênuo de todos os heterônimos.

estado de simplicidade, que se distancia do sublime (alto) para atingir o natural (baixo), numa espécie de Novo Paganismo. Como poetas/(des)aprendizes a conter esse olhar para as coisas, na poesia brasileira, destacamos as figuras de Manuel Bandeira (1886-1968) e de Manoel de Barros (1916-2014).

A INFÂNCIA DA LINGUAGEM

Bandeira nos chama a atenção, especialmente, quando propôs “um novo lirismo”, que se opõe, de modo categórico, à poética tradicional e acadêmica, à época vivenciada à exaustão pelos Parnasianos. Como alguém que aprendeu com a tradição, portanto, “vestiu-se”, Bandeira decide então “desaprender”, enveredando por uma poesia modernista, prosaica, com versos livres e brancos, em seu modo “errado” de acertar na sua poesia. Isso é bem ilustrado no poema “Poética”, do livro “Libertinagem”, de 1930:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e
manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho
vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis (BANDEIRA, 1993, p. 129)

Trata-se de uma forma de rebelião à ortodoxia vigente à época. Por isso, Bandeira se autodefiniu como “poeta menor”. Ao fazer essa escolha “gauche” (nos dizeres de Drummond), experimenta a “desterritorialização da expressão”, como sugerem Deleuze e Guattari (2003, p. 41-42):

As três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação. O mesmo será dizer que «menor» já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida).

Alberto Caeiro, Manuel Bandeira e, como se verá, Manoel de Barros, fazem uma escolha consciente acerca do (des)aprender poético. Se preferirmos, de empréstimo, poderíamos chamar tal escolha de um processo de “alumbramento” poético, como escrito por Bandeira, em “Evocação do Recife”, momento em que o eu-lírico viu “uma moça nuinha no banho”. Como se percebe, ao desterritorializar-se, essa poética se desnuda e instaura uma nova ordem das coisas.

Em Manoel de Barros, esse processo torna-se radical, o que sugere uma poesia “des”, ou seja, uma atitude de rebeldia/negação, uma reinvenção permanente e sempre renovada diante da atividade poética, como quem recusa o que aprendeu de modo formal e escolarizado, para, em seguida, desaprender, ou seja, desvencilhar-se desses moldes/modos de pensar o mundo, para, finalmente, aprender “o estar de cada coisa” (“uma aprendizagem de desaprender”). É uma espécie de “erro” (“desaprender”), para, enfim, inaugurar uma nova forma:

Nas metamorfoses, em duzentos e quarentas fábulas,
Ovídio mostra seres humanos transformados em
pedras, vegetais, bichos, coisas.
Um novo estágio seria que os entes já transformados falassem um dialeto
coisal, larval, pedral etc.
Nasceria uma linguagem
madrugenta, adâmica, edênica, inaugural –
Que os poetas aprenderiam – desde que voltassem às crianças que foram
Às rãs que foram
Às pedras que foram.
Para voltar à infância, os poetas precisariam também de reaprender
a errar a língua (BARROS, 2013, p. 243).

Nesse poema, o estado de criança nos remete a uma infância da palavra (“vez e quando olhando para trás”), como se buscasse restaurar, umbilicalmente, o poeta/criança às coisas antes do pensar nas coisas. Como se a linguagem se voltasse para “baixo”, para a criança, para aquilo que é “menor”, mas que fundamenta e precede toda o estado de coisas.

Sobre Caeiro, Quesado (1976, p. 50-51) afirma que, ao condenar “qualquer atividade conceitual do homem, qualquer forma de que ele possa lançar mão para mediatizar o seu contato com o objeto”, também o faz com a linguagem, “o ato conceitual mínimo do sujeito”. Algo como o não-lugar da poesia, a infância da linguagem. Nos dizeres de Ricardo Reis (PESSOA, 2017, p. 34), em seu prefácio sobre Caeiro:

[...] o revelador da Realidade (...) o grande Libertador, que nos restituiu, cantando, ao nada luminoso que somos; que nos arrancou à morte e à vida, deixando-nos entre as simples coisas, que nada conhecem, em seu decurso, de viver nem de morrer; que nos livrou da esperança e da desesperança, para que nos não consolemos sem razão nem nos entristecemos sem causa; convivas com ele, sem pensar, da realidade objectiva do Universo.

A infância é trazida por Bandeira, além da produção da linguagem, também pelas referências à infância, nas temáticas e nos conceitos como o Recife evocado pela simplicidade metafórica de “como a casa de meu avô.” E, no seguimento: Recife morto – meu avô morto. ou “na língua errada do povo/ língua certa do povo” (BANDEIRA, In: DRUMMOND, 1986, p. 50).

“Errar a língua”, em Manoel de Barros, é um mecanismo de resistência e de reação, assim como em Caetano de Campos, ao estado não natural das coisas, ou seja, contra o artificialismo poético, conhecido na tradição literária, tida como “maior” (erudita). No poema “Arte de Infantilizar Formigas”, Barros (2013, p. 211) poetiza:

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.
Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.
A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.

Essa “desutilidade poética” subverte o mundo utilitário de uma sociedade em que o pensar (mecanizado, fabril, útil) impede o ver, ouvir, cheirar, tocar, sentir, enfim. É fundamental, portanto, (des)aprender esse “dessaber”, um estado de infância da palavra, um mergulho nas fontes primárias e originárias da palavra/linguagem. Não eram as coisas fugidias, que ainda poderiam ser gigantes. eram as coisas mínimas, irrisórias, não perceptíveis. Como atesta Quesado (1976, p. 49), “toda a negação do sujeito em Caetano se faz no sentido de instituir o primado do sentir perceptivelmente, sensorialmente o objeto, em detrimento do pensar do sujeito”. Assim também o faz Manoel de Barros, “dessabendo” as coisas para sabê-las, verdadeiramente. Isso é a verdade, um exercício de “desaprendizagem”, um “alumbramento poético”, nos dizeres de Manuel Bandeira, uma vez que em sua “Poética”, deseja um lirismo que seja “libertação”. Não se trata do alumbramento ante a moça sem roupa, “nuinha”, trata-se de despirmos nossas “almas vestidas”, para que, em estado de nudez (natural), possamos olhar para as coisas/palavras em estado de “brinquedos”, para experimentarmos “o pasmo essencial / Que tem uma criança se,

ao nascer, /Reparasse que nascera deveras...” (PESSOA, 2017, p. 40). O ver o não visto, que Bandeira repete em sua evocação:

Recife
não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
[...] nem o Recife que aprendi a amar depois –
Mas o Recife sem história nem literatura (BANDEIRA, 1993, p. 49)

EPÍLOGO

Tanto Caetano, quanto Bandeira e Barros, ‘inauguram’ de forma decisiva o olhar atento às pequenas coisas, e sempre o farão, visto que as pequenas coisas estarão sempre escondidas. O que buscamos apresentar aqui é um estudo sobre esse poder de alumbramento do não-dito até então, visto que parecia óbvio demais e sem aparente merecimento. Alicerçados pelas práticas e pelos conceitos da Teoria Literária, desenvolvemos uma breve interpretação textual, enfatizando o fazer poético destes três poetas modernistas, e tentando construir um vínculo entre o pensar poético de Bandeira, em seu retorno à infância, de Barros, em sua relação com a minúscula exuberância dos colibris, e a poética simplista de Alberto Caetano, averso à filosofia. As conclusões são as marcas do fazer poético, a subjetividade e o olhar atento, em suas diferentes épocas, situações e territorialidades. Contrários a complexidades e contextualizações, sejam geo-históricas ou socioculturais, os poetas encontram na natureza fortes indícios de inspirações, ainda que cada um o faça à sua maneira: em Portugal do início do século XX, no Recife da infância de Bandeira e nas coisas pequeninas da imensidão minuciosa da poesia de Barros, no exercício do alumbramento poético e da infância da linguagem.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Recorde, 1993.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CALCANHOTO, Adriana. *Esquadros*. In: *Senhas* (CD). Rio de Janeiro: Gravadora RCA, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: IMAGO, 2003.

DRUMMOND, C. D.A. *Bandeira – a vida inteira*. Rio de Janeiro: Alumbamento – Edições Livroarte, 1986.

FLORÊNCIO, R. R. *Interpretação Textual a partir de Análises Isoladas*. In: Cleber Alves ATAÍDE; Valéria Serevina GOMES; Sherry Morgana de ALMEIDA; André Pedro da SILVA. (Org.). *Ensino de Língua, Literaturas e Outros Diálogos Possíveis: Livro Resumos do VI ECLAE*. 1ed. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

PESSOA, Fernando. *Vida e obra de Alberto Caeiro*. Coordenação Teresa Rita Lopes. São Paulo: Global, 2017.

QUESADO, José Clécio Basílio. *O constelado Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.